

A SAGA OTORI

Primeira parte O PISO-ROUXINOL

O enredo dos livros que compõem *A saga Otori* transcorre num país imaginário, num período feudal. Não se pretendeu que a ambientação ou a época correspondesse a uma era histórica verídica, embora se encontrem traços de muitos costumes e tradições japonesas, e a paisagem bem como as estações sejam as do Japão. Pisos-rouxinol (*uguisubari*) são invenções reais e eram construídos em torno de várias residências e templos. Os exemplos mais famosos podem ser vistos em Kioto, no Castelo Nijo e em Chion'in. Usei nomes japoneses para lugares, mas esses têm pouca ligação com lugares reais, com exceção de Hagi e Matsue, que estão mais ou menos em sua localização geográfica verdadeira. Quanto às personagens, são todas inventadas, exceto o pintor Sesshu, de quem pareceu impossível fazer uma réplica.

Espero que os puristas me perdoem as liberdades que tomei. Minha única desculpa é que esta é uma obra da imaginação.

Lian Hearn estudou línguas modernas na Oxford University e trabalhou como crítica de cinema e editora de arte em Londres, antes de fixar residência na Austrália.

Seu interesse constante pelo Japão a levou a fazer muitas viagens a esse país e a estudar o idioma japonês, culminando na criação de *A saga Otori*.

O cervo que se une

Ao trevo do outono

Dizem

Gera um corço único

E este corço meu

Este menino solitário

Parte em jornada

Tendo a relva por travesseiro

(Manyoshu vol. 9 N.º 1790)

De *The Country of the Eight Islands* [O país das oito ilhas]

CAPÍTULO 1

Minha mãe costumava ameaçar de me cortar em oito pedaços se eu derrubasse o balde de água ou fingisse não ouvir seus chamados para voltar para casa quando começava a escurecer e o chiado das cigarras aumentava. Eu ouvia sua voz, dura e feroz, ecoando pelo vale isolado.

– Onde está esse desgraçado? Vou despedaçar esse menino quando ele aparecer.

No entanto, quando eu realmente aparecia, enlameado de escorregar morro abaixo, machucado de alguma briga, certa vez com sangue jorrando por um ferimento na cabeça causado por uma pedra (ainda tenho a cicatriz, como uma unha prateada de dedo polegar), encontrava o fogo aceso, o aroma da sopa e os braços da minha mãe, não me despedaçando, mas tentando me abraçar, limpar meu rosto ou ajeitar meu cabelo enquanto eu me contorcía como um lagarto para escapar. Ela era forte, por causa do trabalho duro e interminável, e não era velha. Quando nasci, minha mãe ainda não tinha dezessete anos; e, quando ela me segurava, dava para eu ver que tínhamos a mesma pele, embora sob outros aspectos não fôssemos muito parecidos. Ela tinha as feições largas e plácidas, enquanto as minhas, ao que me diziam (pois não tínhamos espelho no remoto povoado de Mino, nas montanhas), eram mais finas, como as de um falcão. A luta geralmente terminava com a vitória de minha mãe, sendo seu prêmio o abraço do qual eu não conseguia escapar. E sua voz murmurava nos meus ouvidos as palavras da bênção dos Ocultos, enquanto meu padrasto resmungava brandamente que ela me mimava; e as meninas, minhas meias-irmãs, pulavam à nossa volta para compartilhar o abraço e a bênção.

Por isso, eu achava que aquilo era só um jeito de falar. Mino era um lugar tranqüilo, muito afastado para ser atingido pelas violentas batalhas dos clãs. Eu nunca havia imaginado que homens e mulheres pudessem de fato ser cortados em oito pedaços, tendo seus membros fortes, da cor do mel, arrancados das articulações para serem jogados aos cães que aguardavam. Criado entre os Ocultos, com toda a sua mansidão, eu não sabia que os homens faziam esse tipo de coisa uns com os outros.

Fiz quinze anos, e minha mãe começou a perder nossas lutas. Cresci quinze centímetros num ano; e, ao completar dezesseis anos, já estava mais alto que meu padrasto. Ele reclamava com mais frequência: que eu deveria criar juízo, parar de perambular pela montanha como um macaco selvagem, casar com alguém de uma das famílias do povoado. Não me incomodava a idéia de me casar com uma das meninas com quem havia crescido, e naquele verão trabalhei mais ao seu lado, pronto para assumir meu lugar entre os homens do povoado. Mas de quando em quando eu não conseguia resistir à atração da montanha; e, no final do dia, escapulia, passava pelo bambuzal com seus troncos altos e lisos e a luz verde e oblíqua, subia pela trilha rochosa que passava pelo santuário do deus da montanha, onde os moradores do povoado deixavam oferendas de painço e laranjas, e entrava na floresta de bétulas e cedros em que o cuco e o rouxinol chamavam, convidativos, e eu observava raposas e cervos e ouvia o grito melancólico dos milhafres lá no alto.

Naquela noite eu tinha ido até o outro lado da montanha, a um lugar onde cresciam os melhores cogumelos. Trazia um pano cheio deles, os brancos, pequenos como fios, e os escuros, cor-de-laranja, em forma de leques. Imaginava como minha mãe ficaria satisfeita e

como os cogumelos abrandariam a repreensão do meu padrasto. Eu já sentia o sabor na minha língua. Enquanto atravessava correndo o bambuzal e saía para os arrozais onde os lírios vermelhos do outono já estavam em flor, tinha a impressão de sentir o cheiro de comida no vento.

Os cachorros do povoado estavam latindo, como costumavam latir no final do dia. O cheiro ficou mais forte e se tornou penetrante. Eu não sentia medo, não naquela hora, mas algum pressentimento fez meu coração começar a bater mais depressa. Havia um incêndio um pouco adiante.

Era comum acontecerem incêndios no povoado: quase tudo o que possuíamos era de madeira ou palha. Mas eu não ouvia nenhum grito, nenhum som dos baldes passando de mão em mão, nada das exclamações e maldições de costume. As cigarras chiavam com a mesma força de sempre; as rãs chamavam lá dos arrozais. Ao longe, trovões reverberavam nas montanhas. O ar estava pesado e úmido.

Eu estava suando, mas o suor começava a esfriar na minha testa. Pulei por cima da vala do último campo em terraço e olhei para baixo, para onde minha casa sempre estivera. A casa desaparecera.

Cheguei mais perto. As labaredas ainda se insinuavam e lambiam as vigas enegrecidas. Não havia sinal da minha mãe ou das minhas irmãs. Tentei chamar, mas minha língua de repente se tornara grande demais para minha boca, e a fumaça me sufocava e me enchia os olhos de água. O povoado inteiro estava em chamas, mas onde estava todo o mundo?

Então começaram os gritos.

Vinham da direção do santuário, em torno do qual a maioria das casas se apinhava. Eram como o som de um cachorro uivando de dor, só que aquele cachorro sabia falar palavras humanas e as berrava em sua agonia. Tive a impressão de reconhecer as preces dos Ocultos, e todos os pêlos se arrepiaram em minha nuca e meus braços. Passando sorrateiro como um fantasma entre as casas que ardiam, fui na direção do som.

O povoado estava deserto. Eu não podia imaginar aonde todos tinham ido. Disse a mim mesmo que haviam fugido: que minha mãe levava minhas irmãs para a segurança da floresta. Iria procurá-las assim que descobrisse quem estava berrando. Mas, quando saí de uma ruela para a rua principal, vi dois homens deitados no chão. Uma chuva suave caía desde o final da tarde, e eles pareciam surpresos, como se não fizessem a menor idéia do motivo pelo qual estavam ali. Nunca mais se levantariam, e não importava que suas roupas estivessem se encharcando.

Um deles era meu padrasto.

Naquele instante, o mundo mudou para mim. Uma espécie de nevoeiro ergueu-se diante dos meus olhos; e, quando se dissipou, nada parecia real. Eu tinha a impressão de ter passado para o outro mundo, aquele mundo paralelo ao nosso, que visitamos nos sonhos. Meu padrasto estava usando sua melhor roupa. O tecido cor de anil escurecera com a chuva e com o sangue. Fiquei com pena pelo estrago: ele tinha tanto orgulho daquela roupa...

Passei pelos corpos, pelos portões e entrei no santuário. A chuva refrescava meu rosto. Os gritos pararam abruptamente.

No recinto do santuário havia homens que eu não conhecia. Pareciam estar realizando algum ritual para um festival. Tinham panos atados às cabeças, haviam tirado as vestes, e seus braços reluziam com o suor e a chuva. Arquejavam e grunhiam, mostrando os dentes brancos, como se matar desse tanto trabalho quanto recolher a safra de arroz.

Escorria um filete de água da pia na qual lavávamos as mãos e a boca para nos purificarmos ao entrar no santuário. Antes, quando o mundo era normal, alguém devia ter acendido incenso no grande caldeirão. Um último vestígio de seu perfume pairava sobre o pátio, encobrindo o cheiro acre de sangue e morte.

O homem que havia sido esquartejado jazia nas pedras molhadas. Quase não consegui discernir as feições na cabeça decapitada. Era Isao, o líder dos Ocultos. Sua boca ainda estava aberta, imobilizada numa última contorção de dor.

Os assassinos haviam deixado as vestes empilhadas com cuidado junto a uma coluna. Pude ver com nitidez o emblema das três folhas de carvalho. Eram homens do povo Tohan, da capital do clã de Inuyama. Lembrei-me de um viajante que havia passado pelo povoado no final do sétimo mês. Hospedou-se na nossa casa, e, quando minha mãe rezou antes da refeição, ele tentou fazer com que ela se calasse. “Você não sabe que os Tohan odeiam os Ocultos e planejam nos atacar? O Senhor lida jurou acabar com todos nós”, murmurou ele. No dia seguinte, meus pais procuraram Isao para lhe contar aquilo, mas ninguém acreditou. Estávamos longe da capital, e as lutas de poder dos clãs nunca nos disseram respeito. No nosso povoado, os Ocultos moravam lado a lado com todos os outros, tinham a mesma aparência e agiam da mesma forma; a única diferença eram nossas preces. Por que alguém iria querer nos fazer mal? Parecia inimaginável.

E ainda era o que me parecia, enquanto eu permanecia ali, petrificado, junto à pia. A água escorria sem parar, e eu queria pegar um pouco para limpar o sangue do rosto de Isao e fechar sua boca com cuidado, mas não conseguia me mexer. Sabia que a qualquer momento os homens do clã Tohan se virariam, seu olhar cairia sobre mim, e eles me esquartejariam. Não teriam dó nem piedade. Já estavam contaminados pela morte, tinham matado um homem dentro do próprio santuário.

Ao longe, eu ouvia com perfeita nitidez o tamborejar de um cavalo a galope. À medida que os cascos se aproximavam, tive a sensação de lembrança do futuro que às vezes nos vem em sonhos. Eu sabia quem ia ver, emoldurado pelos portões do santuário. Nunca o vira antes, mas minha mãe o descrevera para nós como uma espécie de bicho-papão, para nos forçar a obedecer pelo medo: *não vão longe na montanha, não brinquem à beira do rio, senão lida vai pegar vocês!* Reconheci-o de imediato. lida Sadamu, senhor do clã Tohan.

O cavalo empinou e relinchou, ao sentir o cheiro de sangue. lida continuava firme, como se fosse feito de ferro. Trajava uma armadura negra, da cabeça aos pés, com o capacete coroadado por chifres. Tinha uma curta barba negra abaixo da boca cruel. Seus olhos brilhavam, como os de um homem na caça ao cervo.

Aqueles olhos brilhantes encontraram os meus. De imediato, eu soube duas coisas a seu respeito: a primeira, que ele não tinha medo de nada entre o céu e a terra; a segunda, que adorava matar por matar. Agora que ele me vira, já não restava esperança.

Ele estava com a espada na mão. O que me salvou foi a relutância do cavalo em passar pelo portão. Ele voltou a recuar, empinando alto. Lida gritou. Os homens que já estavam dentro do santuário se voltaram e me viram, protestando com seu rude sotaque de Tohan. Agarrei o último pedaço de incenso, mal percebendo como ele me queimava a mão, e saí correndo pelos portões. Quando o cavalo avançou em mim, finquei o pedaço de incenso no seu flanco. Ele empinou, com as patas enormes passando velozes junto ao meu rosto. Ouvi o silvo da espada que descia no ar. Tinha consciência dos Tohan em toda a minha volta. Parecia impossível que não me acertassem, mas eu me sentia como que dividido em dois. Vi a espada de Lida cair sobre mim, e mesmo assim ela não me atingiu. Voltei a investir contra o cavalo. Ele resfolegou de dor e deu uma série de coices enlouquecidos. Lida, desequilibrado pelo golpe da espada que de algum modo não havia acertado o alvo, caiu para a frente sobre o pescoço do cavalo e escorregou pesadamente para o chão.

Fui dominado pelo horror, e em seguida pelo pânico. Eu derrubara da sua montaria o senhor dos Tohan. Não haveria limites para a tortura e a dor necessárias para reparar um semelhante ato. Deveria ter me lançado ao chão e pedido a morte. Mas sabia que não queria morrer. Algo se agitava no meu sangue e me dizia que eu não morreria antes de Lida. Eu o veria morrer primeiro.

Eu nada sabia das guerras dos clãs, nada sabia dos seus rígidos códigos e inimizades. Havia passado minha vida inteira entre os Ocultos, que são proibidos de matar e aprendem a perdoar uns aos outros. Mas naquele momento a Vingança me adotou como discípulo. Eu a reconheci imediatamente e aprendi rápido suas lições. Era o que eu desejava, ela me salvaria da sensação de ser um fantasma vivo. Naquele átimo, eu a acolhi no meu coração. Dei um chute no homem mais próximo, acertando-o entre as pernas; finquei os dentes na mão que agarrava meu pulso; safei-me deles e corri na direção da floresta.

Três deles vieram atrás de mim. Eram maiores que eu e corriam mais rápido, mas eu conhecia o terreno, e a noite estava caindo. Caía também a chuva, agora mais pesada, tornando as trilhas íngremes da montanha mais escorregadias e traiçoeiras. Dois dos homens não paravam de gritar por mim, dizendo-me o que adorariam fazer comigo, xingando-me com palavras cujo significado eu apenas adivinhava, mas o terceiro corria em silêncio, e era desse que eu tinha medo. Os outros dois poderiam dar meia-volta dali a algum tempo, retornar para sua bebida fermentada de cereais, ou qualquer que fosse a infusão repugnante com que os Tohan se embriagavam, e alegar que tinham me perdido na montanha; mas esse outro nunca desistiria. Ele me perseguiria para sempre, até me matar.

Quando a trilha se tornou mais íngreme, perto da cascata, os dois barulhentos ficaram um pouco para trás, mas o terceiro apressou o passo, como faz um animal ao correr morro acima. Passamos pelo santuário. Um pássaro que ciscava o painço levantou vôo com um lampejo de verde e branco nas asas. A trilha fazia uma pequena curva em torno do tronco de um cedro enorme; e, quando eu passava pela árvore com minhas pernas de pedra e a respiração ofegante, alguém surgiu da sombra e bloqueou o caminho diante de mim.

Choquei-me de frente com ele. O homem grunhiu como se eu lhe tivesse tirado o fôlego, mas imediatamente me segurou. Olhou para meu rosto, e vi algo cintilar nos seus olhos: surpresa, reconhecimento. Fosse o que fosse, fez com que ele me segurasse mais forte. Dessa vez, não havia como escapar. Ouvi o homem Tohan parar; depois os passos pesados dos outros dois chegando atrás dele.

– Perdão, senhor – disse, com voz firme, o homem que eu temia. – O senhor capturou o criminoso que estávamos perseguindo. Muito obrigado.

O homem que me segurava fez com que eu me virasse para encarar os que me perseguiram. Senti vontade de apelar para ele, de implorar, mas sabia que de nada adiantaria. Eu sentia como o tecido das suas roupas era macio, como suas mãos eram lisas. Sem dúvida era um senhor, exatamente como lida. Eram todos farinha do mesmo saco. Não faria nada para me ajudar. Continuei calado, pensei nas preces que minha mãe me ensinara, pensei rapidamente no pássaro.

– O que fez esse criminoso? – perguntou o senhor.

O homem diante de mim tinha o rosto comprido como o de um lobo.

– Perdão – disse ele novamente, com menos cortesia. – Isso não é da sua conta. São assuntos apenas de lida Sadamu e do clã Tohan.

– Hã! – resmungou o cavaleiro. – É mesmo? E quem você pensa que é para me dizer o que é da minha conta e o que não é?

– Basta que o entregue – rosnou o homem-lobo, já sem nenhuma cortesia.

No instante em que ele deu um passo adiante, eu soube de repente que o cavaleiro não me entregaria. Com um movimento hábil, ele me passou para suas costas e me soltou. Pela segunda vez na minha vida, ouvi o silvo da espada do guerreiro quando ela ganha vida. O homem-lobo sacou um punhal. Os outros dois tinham bastões. O cavaleiro ergueu a espada com as duas mãos, desviou-se de um dos bastões, decapitou o homem que o segurava, voltou-se contra o homem-lobo e decepou-lhe o braço, que ainda segurava o punhal.

Tudo aconteceu num instante, no entanto demorou uma eternidade. Aconteceu quando a luz estava se acabando, no meio da chuva; mas, quando fecho os olhos, ainda vejo todos os detalhes.

O corpo sem cabeça caiu com um baque e um jorro de sangue, enquanto a cabeça rolava pela encosta. O terceiro homem largou o bastão e fugiu correndo, aos gritos de socorro. O homem-lobo estava de joelhos, tentando estancar o sangue do toco de braço à altura do cotovelo. Não gemia nem falava.

O cavaleiro limpou a espada e a pôs de volta na bainha que trazia na cintura.

– Vamos – disse-me ele.

Fiquei ali, trêmulo, sem conseguir me mexer. Aquele homem tinha surgido de lugar nenhum. Matara diante dos meus próprios olhos para salvar minha vida. Joguei-me ao chão diante dele, procurando as palavras para agradecer.

– Levante-se – disse ele. – Os outros estarão em nosso encalço num instante.

– Não posso ir embora – consegui dizer. – Preciso encontrar minha mãe.

– Agora não. Agora está na hora de fugirmos daqui! – ele me puxou para que eu ficasse em pé e começou a me apressar para subir a encosta. – O que aconteceu lá embaixo?

– Queimaram o povoado, e mataram... – a lembrança do meu padrasto voltou-me à cabeça, e não consegui continuar.

– Os Ocultos?

– Sim – murmurei.

– Está acontecendo por todos os cantos do feudo. Lida está instigando o ódio contra eles por toda parte. Imagino que você seja um deles.

– Sou.

Eu tremia. Embora ainda estivéssemos no final do verão e a chuva fosse quente, nunca havia sentido tanto frio.

– Mas não era só por isso que estavam atrás de mim. Derrubei o Senhor Lida do cavalo.

Para meu espanto, o cavalheiro começou a ofegar de tanto rir.

– Teria valido a pena ver a cena! Mas isso representa o dobro de perigo para você. Trata-se de um insulto que ele terá de extirpar. Mesmo assim, agora você está sob minha proteção. Não vou deixar Lida tirá-lo de mim.

– O senhor salvou minha vida – disse eu. – De hoje em diante ela lhe pertence.

Por algum motivo, isso o fez rir de novo.

– Temos uma longa caminhada, e estamos de estômago vazio e roupas molhadas. Precisamos chegar ao outro lado do espinhaço antes do amanhecer, quando eles virão atrás de nós.

Ele partiu veloz, e eu fui correndo atrás, decidido a não deixar que minhas pernas tremessem, a não bater os dentes. Eu nem sequer sabia seu nome, mas queria que ele tivesse orgulho de mim, que nunca se arrependesse de ter salvado minha vida.

– Sou Otori Shigeru – disse ele, quando começamos a escalada. – Do clã Otori, de Hagi. Mas, enquanto estou viajando, não uso esse nome; por isso você também não vai usá-lo.

Hagi era para mim um lugar tão distante quanto a lua. E, embora tivesse ouvido falar dos Otori, nada sabia deles, além de que haviam sido derrotados pelos Tohan numa importante batalha, dez anos antes, na planície de Yaegahara.

– Como você se chama, menino?

– Tomasu.

– Esse é um nome comum entre os Ocultos. Melhor livrar-se dele.

Ficou sem dizer nada por um tempo, e então falou rápido, no meio da escuridão:

– Você pode se chamar Takeo.

E assim, entre a cascata e o alto da montanha, perdi meu nome, tornei-me outra pessoa e uni meu destino ao dos Otori.

O alvorecer encontrou-nos, com frio e com fome, no povoado de Hinode, famoso por suas fontes de águas quentes. Nunca na minha vida eu tinha estado tão longe de casa. Tudo o que sabia de Hinode era o que os meninos no meu povoado diziam: que os homens de lá eram vigaristas e as mulheres eram tão quentes quanto as águas quentes, pois se deitavam com quem lhes pagasse o preço de um copo de vinho. Não tive oportunidade de descobrir se isso era verdade. Ninguém ousou enganar o Senhor Otori, e a única mulher que vi foi a do estalajadeiro, que nos serviu a refeição.

Senti vergonha da minha aparência, vestido com aquelas roupas velhas, que minha mãe tinha remendado tantas vezes que era impossível saber qual sua cor original e que, além do mais, estavam imundas, manchadas de sangue. Não me passou pela cabeça que o cavalheiro pudesse estar esperando que eu fosse dormir dentro da estalagem, com ele. Achei que ficaria na estrebaria. Mas pelo jeito ele não queria me deixar muito tempo longe de seus olhos. Pedi que a mulher lavasse minha roupa e me mandou para a fonte de água termal para me esfregar bem. Quando voltei, quase dormindo por efeito da água morna depois da noite insone, a refeição da manhã tinha sido servida no quarto, e ele já estava comendo. Fez um gesto para que eu o acompanhasse. Ajoelhei-me no chão e disse as preces que sempre dizíamos antes da primeira refeição do dia.

– Isso você já não pode fazer – disse o Senhor Otori, com a boca cheia de arroz e picles.
– Nem mesmo quando estiver sozinho. Se quiser viver, terá de se esquecer dessa parte da sua vida. Ela está encerrada para sempre – ele engoliu e pôs mais comida na boca. – Há coisas melhores pelas quais vale a pena morrer.

Imagino que um verdadeiro fiel teria insistido nas preces, apesar de tudo. Perguntei-me se os mortos do meu povoado teriam feito isso. Lembrei-me de seus olhos ao mesmo tempo vazios e surpresos. Parei de fazer as preces. Meu apetite desapareceu.

– Coma – disse o cavalheiro, sem grosseria. – Não quero carregá-lo pelo caminho até Hagi.

Forcei-me a comer um pouco para ele não me desprezar. E então ele me mandou dizer à mulher que fizesse as camas. Senti-me embaraçado em dar ordens a ela, não só por achar que iria rir de mim e me perguntar se eu tinha perdido o uso das mãos, mas também porque alguma coisa estava acontecendo com minha voz. Eu a sentia escoar-se de mim, como se as palavras fossem fracas demais para articular o que meus olhos tinham visto. De todo modo, ao compreender o que eu queria, a mulher me fez uma reverência quase tão profunda quanto a que fizera diante do Senhor Otori e saiu apressada para cumprir as ordens.

O Senhor Otori deitou-se e fechou os olhos. Era como se tivesse adormecido imediatamente.

Achei que eu também iria adormecer logo, mas minha mente não parava de se agitar, abalada e exausta. Minha mão queimada latejava, e eu conseguia ouvir tudo ao meu redor com uma clareza extraordinária e ligeiramente alarmante. Ouvia cada palavra pronunciada nas cozinhas, cada som da cidadezinha. Meus pensamentos voltavam sempre de novo para minha mãe e as meninas. Dizia a mim mesmo que na verdade eu não as tinha visto mortas. Era provável que tivessem fugido. Deviam estar a salvo. Todos no nosso povoado gostavam de minha mãe. Ela não teria escolhido a morte. Embora tivesse nascido entre os Ocultos, não era fanática. Queimava incenso no santuário e levava oferendas ao deus da montanha. Sem dúvida minha mãe, com seu rosto largo, as mãos ásperas e a pele da cor do mel, não estava morta, não jazia em algum lugar a céu aberto, com os olhos argutos vazios e surpresos e as filhas a seu lado!

Meus olhos, por sua vez, não estavam vazios. Estavam vergonhosamente cheios de lágrimas. Enterrei o rosto no colchão e tentei fazer as lágrimas sumirem. Não consegui impedir que meus ombros se sacudissem, nem que minha respiração se transformasse em soluços fortes. Depois de alguns instantes, senti uma mão em meu ombro, e o Senhor Otori disse baixinho:

– A morte vem de repente, e a vida é frágil e curta. Ninguém pode alterar isso, nem com orações nem com encantamentos. Crianças choram por esse motivo, mas homens e mulheres não choram. Precisam resistir.

Disse essas últimas palavras com voz entrecortada. O Senhor Otori estava tão pesaroso quanto eu. Seu rosto estava contraído, mas mesmo assim as lágrimas lhe escorriam dos olhos. Eu sabia por quem eu chorava, mas a ele não ousei perguntar.

Devo ter adormecido, pois sonhei que estava em casa jantando, comendo de uma tigela que me era tão conhecida quanto minhas próprias mãos. Havia um caranguejo preto na sopa, e ele saltou da tigela e fugiu correndo para a floresta. Corri atrás dele e dali a pouco não sabia onde me encontrava. Tentei gritar “Estou perdido!”, mas o caranguejo tinha roubado minha voz.

Acordei com o Senhor Otori me sacudindo.

– Levante-se!

Percebi que tinha parado de chover. A claridade me dizia que era o meio do dia. O quarto estava abafado e úmido; o ar, parado e opressivo. A esteira de palha tinha um cheiro ligeiramente azedo.

– Não quero que lida venha me perseguir com cem guerreiros só porque um menino o derrubou do cavalo – resmungou o Senhor Otori, bem-humorado. – Precisamos seguir em frente, rápido.

Eu não disse nada. Minha roupa, lavada e seca, estava estendida no chão. Vesti-me em silêncio.

– Contudo eu não entendo como você teve a audácia de enfrentar Sadamu, se tem medo de me dizer uma palavra que seja...

Não era exatamente que eu tivesse medo dele, era mais uma atitude de total reverência. Era como se um dos anjos de Deus, um dos espíritos da floresta ou um dos heróis de outrora tivesse, de repente, surgido diante de mim e me colocado sob sua proteção. Na ocasião eu mal poderia dizer como ele era, pois não ousava olhá-lo diretamente. Quando chegava a olhá-lo de relance, seu rosto em repouso era calmo, não exatamente severo, mas sem expressão. Eu ainda não sabia como seu sorriso o transformava. Ele devia ter uns trinta anos de idade, ou pouco menos. Sua altura era bem acima da média e seus ombros eram largos. Suas mãos tinham a pele clara, quase branca; tinham uma bela forma, e seus dedos longos e irrequietos pareciam ter sido feitos para se amoldarem ao punho da espada.

E foi o que fizeram naquela hora, erguendo a espada de onde ela estava, na esteira. Aquela visão fez um calafrio percorrer-me o corpo. Imaginei que aquela espada conhecesse a carne íntima, o sangue vital, de muitos homens; que ouvira seus últimos gritos. Ela me apavorava e me fascinava.

– Jato – disse o Senhor Otori, ao perceber meu olhar. Ele riu e deu um tapinha na bainha preta e surrada. – Com roupa de viagem, como eu. Em casa, nós dois nos vestimos com mais elegância!

– *Jato* – repeti, baixinho. A espada-serpente, que salvou minha vida tirando a vida.

Deixamos a estalagem e recomeçamos a viagem, passando pelas fontes de águas quentes de Hinode, que cheiravam a enxofre, e depois subindo mais uma montanha. Os arrozais davam lugar a bambuzais, exatamente como em volta do meu povoado. Depois vinham castanheiras, bordos e cedros. A floresta fumegava com o calor do sol, embora fosse tão densa que pouca luz penetrava até onde estávamos. Por duas vezes, cobras deslizaram, fugindo de nosso caminho: uma, a pequena víbora preta, e a outra, maior, da cor de chá. Ela pareceu enrolar-se como um aro, e saltou fugindo pelo mato, como se soubesse que Jato poderia cortar-lhe a cabeça. As cigarras cantavam, estridentes; e a min-min gemia com uma monotonia lancinante.

Seguimos em passo acelerado, apesar do calor. Às vezes o Senhor Otori tomava uma distância maior, e eu subia penosamente pela trilha, como se estivesse completamente sozinho, apenas ouvindo seus passos mais adiante, para depois dar com ele, no topo,

contemplando a paisagem das montanhas e, para além delas, mais montanhas que se estendiam, e por toda parte a floresta impenetrável.

Ele parecia conhecer bem aquela região inóspita. Foram longos dias de caminhada, em que dormíamos somente algumas horas por noite, às vezes numa casa de fazenda isolada às vezes numa cabana de montanha abandonada. Com exceção dos lugares em que parávamos, encontramos poucas pessoas naquela estrada solitária: um lenhador, duas meninas que colhiam cogumelos e saíram correndo ao nos avistar, um monge que viajava para um templo distante. Depois de alguns dias atravessamos o espinhaço da região. Ainda tínhamos encostas íngremes a vencer, mas descíamos com maior freqüência. O mar tornou-se visível, de início um cintilar ao longe, depois uma amplidão sedosa com ilhas que se projetavam como montanhas afogadas. Eu nunca tinha visto o mar, e não conseguia parar de olhar para ele. Às vezes parecia ser uma muralha prestes a desmoronar sobre a terra.

Minha mão curou-se devagar, permanecendo uma cicatriz prateada de um lado a outro da palma direita.

Os povoados foram se tornando maiores, até que finalmente paramos para passar a noite no que se poderia chamar de uma pequena cidade. Ficava na estrada principal entre Inuyama e o litoral, e tinha muitas estalagens e casas de pasto. Ainda estávamos em território Tohan, e as três folhas de carvalho estavam por toda parte, o que me dava medo de sair à rua. No entanto, percebi que o pessoal na estalagem, de algum modo, reconhecia o Senhor Otori. O costumeiro respeito que as pessoas demonstravam por ele era associado a algo mais profundo, alguma antiga lealdade que precisava ser mantida oculta. Tratavam-me com afeto, embora eu não falasse com ninguém. Já havia alguns dias que eu não falava, nem mesmo com o Senhor Otori. Isso parecia não o incomodar muito. Era um homem calado, imerso em seus pensamentos, mas de quando em quando eu lhe lançava um olhar furtivo e descobria que ele estava me examinando com uma expressão que poderia ser de pena. Parecia prestes a falar, mas então dava um grunhido e murmurava: “Não importa, não importa, é preciso que seja assim.”

Havia um falatório entre os criados, e eu gostava de ouvi-los. Estavam todos interessados numa mulher que chegara na noite anterior e que passaria mais uma noite ali. Estava viajando sozinha para Inuyama, aparentemente para se encontrar com o Senhor Iida, levando a criadagem, naturalmente, mas sem marido, irmão nem pai. Era muito linda, se bem que um pouco velha. Tinha pelo menos trinta anos, era muito simpática, gentil e cortês com todos, mas viajava sozinha! Que mistério! O cozinheiro disse que sabia que ela tinha ficado viúva recentemente e que ia se reunir ao filho na capital; mas a chefe das criadas disse que era tudo bobagem, que a mulher nunca tivera filhos, nunca havia se casado; e então o cavaliço, que se empanturrava com seu jantar, disse que tinha ouvido dos palanquins que a mulher tinha dois filhos, um menino que morrera e uma menina que era refém em Inuyama.

As criadas suspiraram, murmurando que nem a fortuna e a alta estirpe podiam proteger uma pessoa do destino; e o cavaliço completou:

– Pelo menos a menina está viva, pois elas são Maruyama e herdaram pela linhagem feminina.

Essa informação provocou um alvoroço de surpresa, entendimento e mais curiosidade ainda a respeito da Senhora Maruyama, que possuía suas terras por direito próprio, um território a ser legado às filhas, não aos filhos.

– Não é de admirar que ela tenha coragem de viajar sozinha – disse o cozinheiro.

Entusiasmado com seu sucesso, o cavalariaço prosseguiu:

– Mas o Senhor lida considera isso uma afronta. Ele quer conquistar o território dela pela força ou, dizem, pelo casamento.

O cozinheiro deu-lhe um piparote na orelha.

– Cuidado com o que fala! Nunca se sabe quem está ouvindo!

– Nós fomos Otori no passado, e voltaremos a ser – resmungou o menino.

A chefe das criadas viu que eu estava parado junto à porta e acenou para que eu entrasse.

– Para onde está viajando? Deve ter vindo de bem longe!

Sorri e balancei a cabeça. Uma das criadas, a caminho dos quartos de hóspedes, deu um tapinha no meu braço e explicou:

– Ele não fala. Não é uma pena?

– O que houve? – perguntou o cozinheiro. – Alguém jogou poeira na sua boca, como o cachorro Ainu?

Estavam brincando comigo, numa atitude simpática, quando a criada voltou, acompanhada por um homem que imaginei ser um dos criados de Maruyama, pois trazia na veste o emblema da montanha dentro de um círculo. Para minha surpresa, ele se dirigiu a mim com toda a cortesia.

– Minha senhora deseja falar com você.

Eu não sabia ao certo se deveria acompanhá-lo, mas ele tinha cara de ser um homem honesto, e eu estava curioso para ver a mulher misteriosa com meus próprios olhos. Então o segui. Caminhamos pelo corredor e atravessamos o pátio. Ele subiu o degrau da varanda e bateu na porta do quarto. Falou brevemente e se virou para mim, acenando para que eu também subisse.

Olhei para a mulher num rápido relance e então me ajoelhei e encostei a cabeça no piso. Tive a certeza de estar na presença de uma princesa. Seu cabelo chegava ao chão, numa longa amplidão de seda negra. Sua pele era alva como a neve. Usava trajes de tons matizados de creme, marfim e cinza cor de pomba, bordados com peônias vermelhas e cor-de-rosa. Nela havia uma serenidade que primeiro me fez pensar nos profundos açudes da montanha e depois, subitamente, no aço temperado de Jato, a espada-serpente.

– Disseram-me que você não fala – disse ela, com a voz tranqüila e clara como a água.

Senti a compaixão em seu olhar, e o sangue me subiu ao rosto.

– Comigo você pode falar – prosseguiu.

Estendendo o braço, ela pegou minha mão e, com o dedo, desenhrou na minha palma o sinal dos Ocultos. Senti um choque, como uma picada de urtiga. Não pude deixar de recolher a mão.

– Conte-me o que viu – disse ela, com a mesma delicadeza na voz, mas com insistência. Como não respondi, murmurou: – Foi lida Sadamu, não foi?

Olhei-a quase sem querer. Ela sorria, mas sem alegria.

– E você pertence aos Ocultos – acrescentou ela.

O Senhor Otori já tinha me avisado para não me revelar. Eu imaginava que meu antigo eu estivesse enterrado, junto com meu nome, Tomasu. No entanto, diante daquela mulher, não conseguia resistir. Estava prestes a confirmar, quando ouvi os passos do Senhor Otori atravessando o pátio. Dei-me conta de que o reconhecia por seu jeito de andar, e soube que uma mulher o acompanhava, assim como o homem que tinha falado comigo. Percebi então que, se prestasse atenção, eu poderia ouvir tudo na estalagem à minha volta. Ouvi o cavaliço levantar-se e sair da cozinha. Ouvi os mexericos das criadas e reconheci cada uma pela voz. Essa argúcia da audição, que vinha aumentando lentamente desde que eu cessara de falar, agora me fazia ser invadido por uma torrente de sons. Era quase insuportável, como se eu estivesse com uma febre gravíssima. Perguntei-me se a dama que estava diante de mim era alguma bruxa que me havia enfeitado. Eu não ousava mentir para ela, mas não conseguia falar.

Fui salvo pela entrada da mulher no aposento. Ela se ajoelhou diante da Senhora Maruyama e falou em voz baixa:

– Sua Excelência está procurando o menino.

– Convide-o a entrar – respondeu a dama. – E, Sachie, por favor, poderia trazer o serviço de chá?

O Senhor Otori entrou no aposento; ele e a Senhora Maruyama trocaram profundas reverências em sinal de respeito. Falaram-se com toda a cortesia, como desconhecidos, e ela não proferiu o nome dele. Entretanto, tive a sensação de que os dois se conheciam muito bem. Havia entre eles uma tensão que eu entenderia mais tarde, mas que naquele momento só me deixava mais constrangido.

– As criadas falaram do menino que está viajando com o senhor – disse ela. – Quis vê-lo com meus próprios olhos.

– É, eu o estou levando para Hagi. É o único sobrevivente de um massacre. Não quis deixá-lo para Sadamu. – Ele parecia não pretender dizer mais nada, mas depois de algum tempo acrescentou: – Dei-lhe o nome de Takeo.

Então ela sorriu, um sorriso de verdade.

– Fico feliz – disse. – Ele tem um certo ar...

– Acha? Também achei.

A criada voltou com uma bandeja, uma chaleira e uma tigela. Vi as peças com clareza quando ela as colocou na esteira, no mesmo nível dos meus olhos. O esmalte da tigela continha o verde da floresta, o azul do céu.

– Um dia o senhor irá a Maruyama, à casa de chá da minha avó – disse a dama. – Lá poderemos realizar a cerimônia como deve ser. Mas por enquanto vamos ter de nos arranjar da melhor maneira possível.

Ela despejou a água quente, e um aroma agridoce exalou da tigela.

– Sente-se, Takeo – disse ela.

Ela agitou o chá até criar uma espuma verde. Passou a tigela ao Senhor Otori, que a apanhou com as duas mãos, girou-a três vezes, bebeu, limpou a borda com o polegar e a entregou de volta à dama. Ela a encheu mais uma vez e a passou para mim. Imitei meticulosamente tudo o que o cavalheiro tinha feito, levei-a à boca e bebi o líquido espumante. O sabor era amargo, mas desanuviava a cabeça. Deu-me um pouco de equilíbrio. Nunca tínhamos tomado nada semelhante em Mino: lá nosso chá era feito de gravetos e ervas da montanha.

Limpei o lugar por onde havia bebido e devolvi a tigela à Senhora Maruyama, fazendo uma reverência desajeitada. Tive medo de que o Senhor Otori percebesse e sentisse vergonha de mim; mas, quando o olhei de relance, vi que seus olhos estavam fixos na dama.

Então ela também bebeu. Nós três ficamos sentados em silêncio. Pairava no aposento uma sensação de algo sagrado, como se tivéssemos acabado de participar de uma refeição ritual dos Ocultos. Fui tomado por uma onda de saudade de minha casa, minha família, minha vida antiga; no entanto, embora meus olhos começassem a arder, não me permiti chorar. Iria aprender a resistir.

Eu ainda sentia na palma da mão o traço feito pelo dedo da Senhora Maruyama.

A estalagem era muito maior e mais luxuosa do que todos os outros lugares em que tínhamos pernoitado durante nossa viagem apressada através das montanhas, e a comida que nos serviram aquela noite era diferente de tudo o que eu já tinha provado. Comemos enguia com um molho picante e peixe fresco dos córregos da região, muitas porções de arroz, mais branco do que qualquer arroz de Mino, onde nos dávamos por felizes quando

comíamos arroz três vezes por ano. Bebi vinho de arroz pela primeira vez. O Senhor Otori estava muito animado, “alto” como minha mãe costumava dizer, dissipados seu silêncio e sua dor. E o vinho exerceu sua alegre magia também em mim.

Quando terminamos a refeição, ele me mandou dormir: ia dar uma caminhada lá fora para desanuviar a cabeça. As criadas vieram preparar o quarto. Deitei-me e fiquei escutando os sons da noite. A enguia, ou o vinho, havia me deixado irrequieto, e eu estava ouvindo demais. Cada ruído ao longe me fazia acordar sobressaltado. De vez em quando eu ouvia o latido dos cães da cidade, um que começava e os outros que lhe faziam coro. Depois de algum tempo, tive a impressão de que poderia reconhecer distintamente a voz de cada um. Pensei nos cães, que agitam as orelhas ao dormir e só se deixam perturbar por determinados ruídos. Se eu não aprendesse a ser como eles, nunca mais conseguiria dormir.

Quando ouvi os sinos do templo baterem meia-noite, levantei-me e fui à privada. O som da minha urina era como o de uma cascata. No pátio, derramei nas mãos água da pia e fiquei ali parado um instante, escutando.

Era uma noite tranqüila e amena, pouco antes da lua cheia do oitavo mês. A estalagem estava em silêncio: todos dormiam. Rãs coaxavam no rio e nos arrozais, e uma vez ou duas ouvi o pio de uma coruja. Ao subir silenciosamente para a varanda, ouvi a voz do Senhor Otori. Por um instante, pensei que tivesse voltado ao quarto e estivesse falando comigo, mas uma voz de mulher respondeu. Era a Senhora Maruyama.

Eu sabia que não devia escutar. Era uma conversa sussurrada, que só eu conseguia ouvir. Entrei no quarto, fechei a porta de correr e me deitei no colchão, com a determinação de adormecer. Mas meus ouvidos tinham uma avidez pelo som que eu não conseguia evitar, e cada palavra penetrava neles com nitidez.

Falaram do amor que tinham um pelo outro, de seus raros encontros, de seus planos para o futuro. Muito do que diziam era abreviado e reservado, e muita coisa não entendi na época. Soube que a Senhora Maruyama estava a caminho da capital para ver a filha, e que receava que lida mais uma vez insistisse no casamento. A mulher dele estava mal e não havia esperança de que sobrevivesse. O único filho que ela lhe dera, também doentio, era uma decepção para o pai.

– Você não se casará com ninguém que não seja eu – murmurou ele.

– É meu único desejo. Você sabe – respondeu ela.

E então ele jurou que nunca teria esposa nem se deitaria com nenhuma mulher que não fosse ela. E mencionou uma certa estratégia que tinha, mas não disse qual era. Ouvi meu nome e imaginei que de algum modo eu estivesse envolvido. Dei-me conta de que a inimizade entre ele e lida era de longa data e remontava aos tempos da batalha de Yaegahara.

– Vamos morrer no mesmo dia – disse ele. – Não posso viver num mundo em que você não esteja.

E então os sussurros se transformaram em outros sons, os da paixão entre um homem e uma mulher. Tapei os ouvidos com os dedos. Eu conhecia o desejo, satisfizera o meu com os outros meninos do povoado ou com as moças no bordel, mas nada sabia do amor. O que quer que eu tenha ouvido, jurei a mim mesmo que jamais falaria a respeito. Manteria esses segredos tão trancados quanto os Ocultos mantinham os deles. Senti gratidão por não ter voz.

Não voltei a ver a dama. Na manhã seguinte saímos cedo, mais ou menos uma hora após o nascer do sol. Já fazia calor, monges aspergiam água nos claustros dos templos e o ar cheirava a poeira. As criadas da estalagem trouxeram chá, arroz e sopa antes da nossa partida; uma delas reprimiu um bocejo enquanto arrumava os pratos diante de mim e depois pediu desculpas e riu. Era a mesma que me dera um tapinha no braço no dia anterior; e, quando partimos, ela saiu e gritou:

– Boa sorte, senhorzinho! Boa viagem! Não se esqueça de nós aqui!

Tive vontade de ficar mais uma noite. O cavalheiro riu, caçoando de mim e dizendo que teria de me proteger das garotas em Hagi. Certamente mal dormira na noite anterior, mas apesar disso estava animado. Andava a passos largos pela estrada, com mais energia do que de costume. Pensei que seguiríamos pela estrada expressa até Yamagata, mas em vez disso atravessamos a cidade, acompanhando um rio menor do que o rio largo que corria paralelamente à estrada principal. Nós o atravessamos no lugar em que corria veloz e estreito entre rochedos, e mais uma vez começamos a escalar a encosta da montanha.

Trazíamos da estalagem comida para a caminhada do dia porque, depois de passarmos pelos pequenos povoados ao longo do rio, não vimos mais ninguém. Era uma trilha estreita e deserta; e a subida era íngreme. Quando chegamos ao topo, paramos para comer. Era final da tarde, e o sol criava sombras alongadas através da planície abaixo de nós. Mais além, em direção ao leste, havia cadeias e mais cadeias de montanhas, que se coloriam de anil e cinza metálico.

– É para lá que fica a capital – disse o Senhor Otori, acompanhando meu olhar.

Pensei que estivesse se referindo a Inuyama, e fiquei confuso.

Ele percebeu e prosseguiu:

– Não, a verdadeira capital, do país inteiro, onde mora o Imperador. É além da cadeia de montanhas mais distante. Inuyama fica a sudeste – e ele indicou a direção da qual tínhamos vindo. – É porque estamos tão longe da capital e porque o Imperador é tão fraco que grandes comandantes como lida podem fazer o que bem entendem – seu humor voltava a se tornar sombrio. – E ali embaixo está o palco da pior derrota dos Otori, na qual meu pai morreu. Ali fica Yaegahara. Os Otori foram traídos pelos Noguchi, que mudaram de lado e se uniram a lida. Foram mais de dez mil mortos – ele disse, olhando para mim. – Sei como é ver nossos parentes próximos trucidados. Eu não era muito mais velho do que você é agora.

Fiquei olhando para a planície vazia. Não conseguia imaginar como era uma batalha. Pensei no sangue de dez mil homens empapando a terra de Yaegahara. Em meio ao

nevoeiro úmido, o sol se avermelhava, como se tivesse sugado o sangue da terra. Milhafres giravam lá no alto, dando seus gritos queixosos.

– Não quis ir a Yamagata – disse o Senhor Otori, quando começamos a descer a trilha. – Em parte porque lá sou muito conhecido, e também por outros motivos. Um dia lhe contarei. Mas isso quer dizer que vamos ter de dormir ao relento hoje à noite, com a relva por travesseiro, já que não há nenhuma cidade que seja bastante próxima para pernoitarmos. Vamos atravessar a fronteira do feudo por uma rota secreta que conheço; e então estaremos em território dos Otori, a salvo, fora do alcance de Sadamu.

Eu não queria passar a noite na planície solitária. Tinha medo de milhares de fantasmas, bem como dos ogros e duendes que moravam na floresta ao redor. O murmúrio de um córrego era para mim como a voz do espírito da água; e, cada vez que uma raposa rosnava ou uma coruja piava, eu acordava, com o coração disparado. A certa altura, a própria terra balançou, num leve tremor que fez farfalhar as árvores e deslocou pedras em algum lugar ao longe. Achei que estava ouvindo a voz dos mortos a pedir vingança, e tentei rezar, mas tudo o que consegui sentir foi um enorme vazio. O deus secreto, cultuado pelos Ocultos, fora afugentado com minha família. Longe dela, eu não tinha contato com ele.

Ao meu lado, o Senhor Otori dormia tranqüilo como se estivesse no quarto de hóspedes da estalagem. No entanto, eu sabia que ele, ainda mais que eu, teria consciência das exigências dos mortos. Eu pensava com temor no mundo em que estava entrando, um mundo do qual eu nada conhecia, o mundo dos clãs, com suas normas inflexíveis e códigos rigorosos. Nele eu estava entrando pelo capricho daquele cavaleiro cuja espada havia decapitado um homem diante dos meus olhos e que praticamente era meu proprietário. Estremeci no ar úmido da noite.

Levantamo-nos antes do amanhecer e, quando o céu ia ficando cinzento, atravessamos o rio que marcava a fronteira do domínio dos Otori.

Depois de Yaegahara, os Otori, que anteriormente governavam todo o País Central, foram forçados pelos Tohan a recuar até ocupar uma estreita faixa de terra entre a última cadeia de montanhas e o mar ao norte. Na estrada expressa principal, a fronteira ficava sob a guarda de homens de lida; mas, naquela região selvagem e isolada, havia muitos locais onde era possível cruzar a fronteira furtivamente; e a maioria dos camponeses e lavradores ainda se considerava Otori e não tinha nenhum amor aos Tohan. O Senhor Otori contou-me tudo isso enquanto caminhávamos naquele dia, agora com o mar sempre à nossa direita. Também me falou da região rural, salientando os métodos agrícolas utilizados, as barragens construídas para irrigação, as redes que os pescadores teciam, como extraíam o sal do mar. Interessava-se por tudo e sabia tudo. Aos poucos, o caminho transformou-se em estrada e tornou-se mais movimentado. Agora, havia lavradores que iam à feira no povoado próximo, levando inhames e verduras, ovos e cogumelos secos, raiz de lótus e bambu. Paramos na feira e compramos sandálias de palha novas, porque as nossas estavam em frangalhos.

Aquela noite, ao chegarmos à estalagem, vi que todos lá conheciam o Senhor Otori. Saíram correndo para cumprimentá-lo, com exclamações de alegria, e se prostravam no chão diante dele. Os melhores aposentos foram preparados; e, na refeição da noite, foram servidos pratos e mais pratos de iguarias deliciosas. Ele se transformava diante de meus olhos. É

claro que eu sabia que ele era de alta estirpe, da classe dos guerreiros, mas ainda não tinha uma idéia exata de quem ele era e do papel que desempenhava na hierarquia do clã. No entanto, eu começava a perceber que sua posição era destacada. Tornei-me ainda mais tímido na sua presença. Tinha a impressão de que todos me olhavam de lado, perguntando-se o que eu estava fazendo, com vontade de me mandar passear, com um tapa na orelha.

Na manhã seguinte ele estava usando roupas condizentes com sua posição; cavalos estavam à nossa espera, bem como quatro ou cinco criados. Sorriam uns para os outros ao verem que eu não sabia nada sobre cavalos e pareceram surpresos quando o Senhor Otori ordenou que um deles me levasse na garupa, embora naturalmente não ousassem dizer nada. Na viagem, tentaram conversar comigo: perguntaram de onde eu era e como me chamava. Porém, quando descobriram que eu era mudo, concluíram que era estúpido e surdo também. Falavam alto comigo, empregando palavras simples e linguagem de sinais.

Não gostei muito de sair chacoalhando, montado no lombo de um cavalo. O único cavalo do qual me havia aproximado até então era o de lida, e eu achava que, pela dor que eu lhe causara, talvez todos os cavalos guardassem algum rancor por mim. Não parava de perguntar a mim mesmo o que eu faria quando chegássemos a Hagi. Imaginava que seria algum tipo de criado, trabalhando no jardim ou nas estrebarias. Acontece que o Senhor Otori tinha outros planos.

Na tarde do terceiro dia, depois do nosso pernoite à beira de Yaegahara, chegamos à cidade de Hagi, cidade fortificada dos Otori. Fora construída numa ilha, cercada por dois rios e pelo mar. Ligando uma restinga ao núcleo da cidade, havia a ponte de pedra mais comprida que eu jamais vira. Tinha quatro arcos, através dos quais se precipitava a maré vazante, e paredes de pedras perfeitamente encaixadas. Imaginei que fosse obra de magia e, quando os cavalos pisaram nela, não pude deixar de fechar os olhos. O ronco do rio trovejava nos meus ouvidos, mas por baixo dele eu ouvia outro som, uma espécie de lamento grave, que me fez estremecer.

No meio da ponte, o Senhor Otori me chamou. Saltei do cavalo e fui até onde ele havia parado. Havia uma pedra grande engastada no parapeito, na qual tinham sido gravados alguns caracteres.

– Você sabe ler, Takeo?

Fiz que não com a cabeça.

– Azar seu! Vai ter de aprender! – ele deu uma risada. – E acho que o professor vai fazê-lo sofrer! Você vai se arrepender por ter abandonado sua vida isolada nas montanhas.

Ele leu em voz alta: “O clã Otori dá as boas-vindas aos justos e aos leais. Ai dos injustos e dos desleais.” Abaixo dos caracteres, via-se o emblema da garça.

Fui andando ao lado do seu cavalo até o final da ponte.

– O construtor foi enterrado vivo embaixo da rocha – comentou o Senhor Otori, em tom indiferente –, para nunca poder construir outra ponte que se igualasse a esta e para proteger sua obra para sempre. À noite, ouve-se o seu espírito conversando com o rio.

Não só à noite. Senti calafrios, pensando no triste espírito aprisionado na bela obra que produzira. Mas então chegamos à cidade propriamente dita, e os sons dos vivos abafaram o do morto.

Hagi era a primeira cidade em que eu pisava. Achei-a enorme e extremamente tumultuada. Sons de todo tipo ecoavam em minha cabeça: os gritos dos vendedores de rua, o estalo de teares vindo do interior das casas estreitas, os golpes fortes dos pedreiros de cantaria, o ranger dos serrotes, e muitos outros que eu nunca tinha ouvido e não podia identificar. Havia uma rua repleta de ceramistas, e o cheiro da argila e do forno atingiu em cheio minhas narinas. Eu nunca tinha ouvido o ruído de um torno nem o rugido de uma fornalha. E, por baixo de todos os outros sons, havia as conversas, os gritos, as imprecações e o riso de seres humanos, tal como por trás dos cheiros havia o onipresente fedor dos seus dejetos.

Acima das casas, erguia-se majestoso o castelo, que dava as costas para o mar. Por um instante, achei que era para lá que nos dirigíamos, e meu coração soçobrou, pois era uma construção sinistra e ameaçadora; mas viramos para o leste, acompanhando o rio Nishigawa até o ponto em que se juntava ao Higashigawa. À nossa esquerda havia uma zona de ruas e canais sinuosos, onde muros com telhados cercavam muitas das casas enormes, apenas visíveis através das árvores.

O sol desaparecera por trás de nuvens escuras, e o ar cheirava a chuva. Os cavalos apressaram o passo, sabendo que estavam quase em casa. No final da rua, um largo portão estava aberto. Os guardas saíram da guarita ao lado do portão e se ajoelharam, curvando-se em reverência, enquanto passávamos.

O cavalo do Senhor Otori abaixou a cabeça e a esfregou com força em mim. Relinchou, e outro cavalo respondeu lá das estrebarias. Segurei a rédea, e o cavaleiro desmontou. Os criados apanharam os cavalos e os levaram dali.

O cavaleiro atravessou o jardim até a casa. Fiquei um instante parado, hesitante, sem saber se devia acompanhá-lo ou ir com os homens, mas ele se virou e chamou meu nome, acenando para que me aproximasse.

O jardim era cheio de árvores e arbustos, que não cresciam como as árvores silvestres da montanha, densas e desordenadas, mas cada um em seu lugar, sóbrio e bem formado. No entanto, de vez em quando eu tinha a impressão de vislumbrar a montanha, como se ela tivesse sido apanhada e levada para lá em miniatura.

E o jardim também era cheio de sons: o som da água escorrendo sobre as pedras, gotejando dos canos. Paramos para lavar as mãos na pia, e a água escoava tilintando como um sino, como se fosse encantada.

Os criados da casa já esperavam na varanda para cumprimentar seu senhor. Fiquei surpreso por serem tão poucos, porém eu soube mais tarde que o Senhor Otori vivia com enorme simplicidade. Eram três moças jovens, uma mulher mais velha e um homem de seus cinquenta anos. Depois das reverências, as moças se retiraram, e os dois velhos olharam para mim mal disfarçando seu espanto.

– Ele se parece tanto... – murmurou a mulher.

– Assombroso – concordou o homem, balançando a cabeça.

O Senhor Otori sorria, enquanto descalçava as sandálias e entrava na casa.

– Estava escuro quando o encontrei! Eu não fazia a menor idéia, até a manhã seguinte. É só uma semelhança fugaz.

– Não, é muito mais que isso – disse a velha, levando-me para dentro. – É o retrato fiel. O homem nos acompanhou, olhando para mim com os lábios franzidos, como se tivesse acabado de morder uma ameixa em conserva, como se previsse que minha introdução naquela casa só traria problemas.

– Seja como for, dei-lhe o nome de Takeo – disse o cavalheiro, por cima de seu ombro. – Preparem-lhe um banho quente e providenciem roupas para ele.

O velho resmungou, surpreso.

– Takeo! – exclamou a mulher. – Mas qual é seu nome de verdade?

Como eu não disse nada, apenas dei de ombros e sorri, o homem retrucou, em tom brusco:

– Ele é meio abobalhado!

– Não, ele fala perfeitamente – retrucou o Senhor Otori, impaciente. – Já o ouvi falar. Mas ele presenciou coisas horríveis, que o emudeceram. Quando o choque passar, voltará a falar.

– Claro – disse a velha, sorrindo e confirmando com a cabeça. – Venha com Chiyo. Vou cuidar de você.

– Desculpe, Senhor Shigeru – disse o velho, com obstinação, e eu percebi que aqueles dois conheciam o cavalheiro desde menino e que o haviam criado –, mas quais são seus planos para o garoto? Vamos arranjar um trabalho para ele na cozinha ou no jardim? Ele vai ser aprendiz? Sabe fazer alguma coisa?

– Pretendo adotá-lo – respondeu o Senhor Otori. – Pode começar os devidos procedimentos amanhã, Ichiro.

Houve um longo silêncio. Ichiro estava estupefato, mas não poderia estar mais embasbacado que eu. Chiyo parecia estar tentando não sorrir. E então os dois começaram a falar juntos. Ela murmurou um pedido de desculpas e deixou que o velho falasse primeiro.

– É muito inesperado – disse ele, amuado. – O senhor planejou isso antes de viajar?

– Não, aconteceu por acaso. Vocês sabem da minha dor pela morte do meu irmão e sabem que procurei alívio viajando. Encontrei esse menino e, desde então, de certo modo, a cada dia a dor parece mais suportável.

Chiyo juntou as mãos.

– Foi o destino que o enviou ao senhor. Assim que o vi, soube que o senhor estava mudado, curado, por assim dizer. É claro que ninguém jamais poderá substituir o Senhor Takeshi.

Takeshi! Então o Senhor Otori me dera um nome semelhante ao do irmão que morrera. E queria me adotar para eu entrar na família. Os Ocultos falam do renascimento pela água. Eu renascera pela espada.

– Senhor Shigeru, está cometendo um erro terrível – disse Ichiro, sem rodeios. – O garoto é um João-ninguém, um plebeu... o que o clã irá pensar? Seus tios jamais permitirão. Até mesmo fazer esse pedido é um insulto.

– Olhe para ele – disse o Senhor Otori. – Quem quer que tenham sido seus pais, alguém no seu passado não era plebeu. Seja como for, eu o salvei dos Tohan. Lida queria que ele fosse morto. Como salvei sua vida, ele me pertence; e, por isso, preciso adotá-lo. Para estar a salvo dos Tohan, precisa ter a proteção do clã. Por ele matei um homem, possivelmente dois.

– Um alto preço. Tomara que não aumente ainda mais – retrucou Ichiro. – O que ele fez para atrair a atenção de Lida?

– Estava no lugar errado na hora errada, nada mais que isso. Não há necessidade de mencionar sua história. Ele pode ser um parente distante da minha mãe. Invente alguma coisa.

– Os Tohan andam perseguindo os Ocultos – disse Ichiro, com astúcia. – Como pode ter certeza de que o garoto não é um deles?

– Se foi, agora já não é – respondeu o Senhor Otori, com um suspiro. – Tudo isso é passado. Não adianta discutir, Ichiro. Dei minha palavra de que protegeria o garoto, e nada me fará mudar de idéia. Além disso, afeiçoei-me a ele.

– Nada de bom resultará disso – disse Ichiro.

O homem mais velho e o mais novo encararam-se por um instante. O Senhor Otori fez um gesto impaciente com a mão, e Ichiro baixou os olhos, fazendo uma reverência relutante. Pensei em quanto era conveniente ser um nobre, saber que no final nossa vontade sempre acaba por prevalecer.

Houve uma súbita rajada de vento, os postigos rangeram; e com aquele som o mundo voltou a se tornar irreal para mim. Era como se uma voz falasse dentro de minha cabeça: é

isso o que você vai se tornar. Senti uma vontade desesperada de fazer voltar o tempo até a véspera do dia em que saí para catar cogumelos na montanha, voltar à minha vida de antes, com minha mãe e meu povo. Mas eu sabia que minha infância tinha ficado para trás, encerrada, para sempre inatingível. Precisava me tornar um homem e suportar tudo o que me coubesse.

Com esses nobres pensamentos em mente, acompanhei Chiyo até a casa de banho. Ela obviamente não fazia a menor idéia da decisão que eu acabara de tomar: tratou-me como uma criança, fazendo-me tirar a roupa e me esfregando o corpo inteiro antes de me deixar de molho na água escaldante.

Mais tarde, voltou com uma túnica leve de algodão e me ordenou que a vestisse. Fiz exatamente o que ela mandou. O que mais poderia fazer? Ela esfregou meu cabelo com uma toalha, penteou-o para trás e o prendeu no alto da minha cabeça.

– Vamos mandar cortar esse cabelo – resmungou, e passou a mão pelo meu rosto. – Você ainda não tem muita barba. Gostaria de saber qual é sua idade. Dezesseis?

Fiz que sim. Ela balançou a cabeça e deu um suspiro.

– O Senhor Shigeru quer que você coma com ele – disse ela, e acrescentou baixinho: – Espero que você não lhe traga mais dor.

Imaginei que Ichiro tivesse compartilhado com ela sua apreensão.

Acompanhei-a de volta à casa, procurando absorver cada aspecto daquele lugar. Estava quase escuro àquela altura. Lâmpadas em suportes de ferro emitiam um clarão alaranjado nos cantos dos aposentos, mas não forneciam luz suficiente para eu enxergar muito. Chiyo levou-me até uma escadaria no canto da sala de estar principal. Era a primeira vez que eu via aquilo: em Mino tínhamos escadas de mão, mas ninguém tinha uma escada de verdade, como aquela. A madeira era escura, muito bem polida. Achei que fosse carvalho. À medida que eu ia pisando nos degraus, cada um emitia um som próprio. Mais uma vez, aquilo me pareceu obra de magia, e tive a impressão de ouvir a voz do seu criador dentro da escada.

A sala estava vazia, com os postigos que davam para o jardim totalmente abertos. Estava começando a chover. Chiyo fez-me uma reverência, notei que não muito profunda, e desceu de volta pela escada. Escutei seus passos e a ouvi falar com as criadas na cozinha.

Achei aquela sala a mais linda em que eu já havia entrado. Desde então, conheci muitos castelos, palácios, residências de nobres, mas nada se compara ao aspecto da sala superior da casa do Senhor Otori naquela noite do final do oitavo mês, com a chuva caindo suavemente no jardim lá fora. No fundo da sala, um enorme esteio, o tronco de um único cedro, erguia-se do piso ao teto, polido de modo que aparecessem os nós e os veios da madeira. As vigas também eram de cedro, e seu delicado marrom-avermelhado contrastava com o branco-leitoso das paredes. As esteiras já estavam desbotando, adquirindo um tom dourado-claro, e tinham as bordas orladas por faixas de tecido cor de anil, com a garça dos Otori tecida em branco.

Havia um pergaminho pendurado na alcova, com a pintura de um pequeno pássaro parecido com o papa-moscas de asas brancas e verdes da minha floresta. Era uma imagem tão real que eu quase esperava que ele levantasse vôo. Fiquei admirado de que um grande pintor pudesse conhecer tão bem as aves humildes da montanha.

Ouvi passos lá embaixo e sentei-me depressa no chão, com os pés devidamente recolhidos debaixo de mim. Pelas janelas abertas, pude ver uma enorme garça cinza e branca num dos lagos do jardim. Seu bico enfiou-se na água e voltou segurando uma criaturinha que se contorcia. A garça alçou vôo com elegância e se foi por cima do muro.

O Senhor Otori entrou na sala, acompanhado pelas duas moças que traziam bandejas de comida. Olhou para mim e me saudou com um gesto de cabeça. Curvei-me até o chão. Veio-me a idéia de que o Senhor Otori Shigeru era a garça e eu era a criaturinha que se contorcia, a quem ele recolhera mergulhando na montanha até meu mundo para depois voltar a levantar vôo.

A chuva apertou, e a casa e o jardim começaram a cantar com a água. Ela transbordava das calhas, descia pelas correntes e chegava ao regato que saltava de um laguinho para outro, cada cascata fazendo um som diferente. A casa cantava para mim, e eu me apaixonei por ela. Quis pertencer a ela. Faria qualquer coisa por ela, e qualquer coisa que seu dono quisesse.

Quando terminamos a refeição e as bandejas foram retiradas, ficamos sentados junto à janela aberta, enquanto a noite caía. Quando a luz chegava ao fim, o Senhor Otori apontou para o fundo do jardim. O regato que o atravessava cascadeando saía por uma abertura na parte inferior do muro e, do outro lado, juntava-se ao rio. O rio emitia um rugido profundo e constante, e suas águas verde-acinzentadas preenchiam a abertura como uma tela pintada.

– É bom voltar para casa – disse ele, sereno. – Mas, assim como o rio está sempre à porta, o mundo está sempre lá fora. E é no mundo que precisamos viver.